

AS SIGLAS DA IGREJA DE BOELHE

César Guedes

Arqueólogo

CITCEM - UP

cesarlguedes@gmail.com

ABSTRACT

In this essay we seek to analyse the masons' marks from the church of S. Gens de Boelhe and answer some questions related to the construction of the monument and its builders.

The systematic analysis of a building's mason marks can provide informations related with the number of masons that worked in a particular building and the stages and rhythms of its construction. A systematic gliptographic survey may also allow to foresee regional or national movement of groups of masons.

Keywords: Medieval architecture; Glyptography; Masons marks; Masons.

RESUMO

A utilização de levantamentos gliptográficos na análise de monumentos pode revelar um conjunto importante de informações sobre a construção dos edifícios, os seus mestres pedreiros e as suas especializações, ou mesmo sobre as etapas e os ritmos da obra. Os estudos comparados das siglas, ou marcas de canteiro, em diferentes edifícios e regiões, podem oferecer quadros regionais, ou mesmo nacionais, de movimentação de equipas de pedreiros, cuja especialização e saber foi determinante para a arquitetura medieval.

No trabalho que agora se apresenta, sintetizam-se as principais conclusões sobre o estudo das siglas da igreja de S. Gens de Boelhe, tentando responder-se a algumas questões relacionadas com a edificação do monumento e os seus construtores.

Palavras-chave: Arquitetura medieval; Gliptografia; Siglas; Pedreiros.

1. INTRODUÇÃO

A aplicação de métodos de análise estratigráfica aos alçados dos edifícios tem vindo, nos últimos anos, a generalizar-se, afirmando-se, cada vez mais, como uma componente indispensável aos trabalhos de arqueologia e de acompanhamento arqueológico. A conjugação das informações obtidas através da análise estratigráfica do subsolo com as leituras provenientes da arqueologia da arquitetura – cujo olhar atento permite, não poucas vezes, identificar novas e diferentes fases de obras nos alçados dos edifícios – possibilita leituras mais abrangentes sobre a história dos monumentos.

Entre nós, o estudo sistemático das siglas encontra-se ainda numa fase embrionária, não existindo um *corpus gliptográfico* que permita leituras comparadas. Para além de algumas indicações metodológicas deixadas por Leonardo Charréu, de alguns dados sobre siglas e canteiros medievais escritos por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, e de alguns artigos que incluem as siglas existentes

em determinados monumentos, mas que não constituem um estudo verdadeiramente sistemático, poucos são os trabalhos que utilizam estes dados na análise evolutiva da construção de um monumento. Entre estes estudos destacamos, apenas a título de exemplo, a análise realizada por Manuel Luís Real e Pedro Sá no Mosteiro de Roriz, em 1982; o trabalho de Luís Sebastian e Ana Sampaio e Castro sobre as siglas existentes no Mosteiro de S. João de Tarouca, em 2004 (publicado em 2010); o estudo realizado por Sofia Silvério, *Arqueologia da arquitetura - contributo para o estudo da Sé de Lisboa* e, mais recentemente, o estudo de Cláudia Cunha sobre a Ermida do Paiva¹.

Internacionalmente, as temáticas das siglas e dos estudos gliptográficos têm vindo a ser tratados pelo *Centre International de Recherches Glyptographiques (C.I.R.G.)*, fundado em 1979, que organiza regularmente congressos sobre o tema, publicando as respetivas atas e promovendo a edição de outros trabalhos gliptográficos. Mais recentemente, foi criada a *SIGNUM – International Society for Mark Studies*².

A conjugação destes estudos com a análise sistemática das siglas ou marcas de canteiro traz vantagens evidentes, constituindo uma ferramenta importante não só para a compreensão global da história do monumento, mas também sobre os seus construtores.

O estudo das siglas de um monumento, mesmo quando não acompanhado de trabalhos arqueológicos do subsolo poderá aportar informações relevantes. A análise das marcas de pedreiro da igreja de Boelhe permitiu inferir o número de pedreiros que trabalharam no seu estaleiro; qual o que produziu mais obra; quem executou o trabalho mais especializado, tal como as aduelas dos arcos, as frestas ou as arquivoltas. Permitiu também observar o ritmo de construção do edifício, isto é, se foi construído de uma assentada, ou se, como se observa em algumas igrejas, houve diferentes fases construtivas. Casos há em que as igrejas nunca chegaram a ser acabadas, tendo-se ficado pela construção da capela-mor e do que seria a parede oeste da nave³.

Com auxílio das siglas pode-se tentar definir quadros de movimentações geográficas de pedreiros e procurar saber se existiria algum tipo de especialização no seu trabalho, como por exemplo, se seria um mestre-escultor (caso siglasse capitéis, ou trabalhos mais delicados), ou um mestre-talhante (se siglasse exclusivamente silhares), como observaram Ana Sampaio e Castro e Luís Sebastian, que puderam constatar que alguns dos pedreiros de S. João de Tarouca trabalharam também em Santa Maria de Salzedas e na Ermida do Paiva (CASTRO E SEBASTIAN 2010, p. 83).

Um *corpus gliptográfico* abrangente permitirá comparar as marcas de canteiro de vários edifícios, ajudando na definição de dados cronológicos mais precisos, relativos à sequência construtiva dos monumentos e podendo contribuir com leituras ou observações relevantes, relacionadas não só com a circulação de técnicas e modelos construtivos, mas também de influências de modelos estilísticos escultóricos.

O estudo sistemático das siglas constituirá, certamente, um importante avanço no conhecimento da arquitetura medieval, bem como no conhecimento do ofício de pedreiro, na sua caracterização, nas suas técnicas e ferramentas e, sobretudo, da sua vida. Por onde circulava? Movimentar-se-ia em grupo ou sozinho? E a sua sigla, passaria para os seus descendentes, como as “marcas poveiras” estudadas por Santos Graça (GRAÇA 1982, pp. 23-33)? Se sim, poder-se-á não só reconstituir a vida de um pedreiro, mas também da sua prole.

1 REAL e SÁ, 1982; CASTRO e SEBASTIAN, 2010; SILVÉRIO, 2014; CUNHA, 2015.

2 Pode-se consultar e contactar o C.I.R.G em <http://www.cirg.be/> e SIGNUM em: <https://markstudies.org/>

3 Cremos ser este o caso da Capela de S. Pedro em Melgaço.

2. A IGREJA DE S. GENS DE BOELHE

A igreja de S. Gens de Boelhe localiza-se no lugar de Arcas, freguesia de Boelhe, concelho de Penafiel e distrito do Porto⁴. Situado a uma cota média de 255m, o templo implanta-se na margem direita do rio Tâmega e domina a paisagem sobre a outra margem, onde podemos avistar Vila Boa do Bispo e o seu mosteiro (Fig. 1).

A origem do topónimo Boelhe é incerta ou, nas palavras de José Pedro Machado, “obscura”. Este linguista não aceita a etimologia germânica de “«villa» Bonelli, de *Bonellus*, diminutivo do nome pessoal *Bonus*” avançada na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, considerando-a antes proveniente “do *lat.* Bonelli (villa).” (MACHADO 1984, 1, p. 262; GEPB, 1935-1960, 39, pp. 67-68). Problemáticas linguísticas à parte, e independentemente da origem etimológica de Boelhe, certo é que nas proximidades existem vestígios arqueológicos que atestam a ocupação destas terras desde época romana. A escassos 1100 m a sudeste da igreja, no local conhecido como Bouça do Ouro, foram identificados dois edifícios, cuja cronologia remonta ao século I d. C. e que se mantiveram em atividade, pelo menos um deles, até ao século V d. C. (SOEIRO 1998).

A área em que se insere a igreja, terras do Baixo Tâmega, pertenceria ao antigo território da *Civitas* de *Anegia* (Eja, Entre-os-Rios) que, após o seu desmembramento, originou, entre outras divisões administrativas, a *Terra* de Penafiel de Canas.

Esta zona de união entre dois rios, Douro e Tâmega, é desde tempos remotos um importante eixo de ligação entre o norte e o sul, ou o leste e o oeste. O Douro e o Tâmega proporcionavam uma excelente via de comunicação fluvial, complementada com o uso continuado das antigas vias romanas. A estas foram-se juntando outras, formando um reticulado de vias e caminhos, permitindo a circulação de produtos, bens e pessoas.

Reconhecida a sua importância estratégica, não é de admirar que esta *Terra* apareça dominada por uma das mais importantes famílias portugalenses de então – a linhagem dos senhores de Ribadouro – e que aqui se encontre um número significativo de edifícios religiosos românicos.

A região situada entre o Sousa e Douro e, para além do Tâmega, o território de Benviver, era dominada, no início do século XI, pela já referida família dos de Ribadouro, os Gascos. Esta família alcançou riqueza e posição social graças ao protagonismo militar e aos cargos administrativos obtidos no reinado de Fernando Magno. O governo da *Civitas* de *Anegia* e do território de Arouca foi da responsabilidade desta família, que se tornou senhora de quase todos os mosteiros da região a leste do Sousa. Nesta família, destacou-se Egas Ermiges, senhor e governador de *Anegia* e Arouca entre 1079 e 1087. É a Egas Ermiges que se deve a primeira referência documental à igreja de S. Gens de Boelhe, inicialmente publicada por Frei António da Assunção Meireles (MEIRELES 1942, p. 6). Este documento refere-se a uma doação testamentária ao mosteiro de Paço de Sousa, em que D. Egas Ermiges e D. Gontinha, falecidos na era de 1137 e 1158, respetivamente, doam, entre outras propriedades, a igreja de Boelhe a este mosteiro (LTPS, doc. 5, pp. 16-17). Este documento é também citado por José Mattoso, datando-o de 1095 e acrescentando à doação da igreja um *casal* (MATTOSO 2002, p. 302). A cronologia avançada por José Mattoso para este documento, 1095, suscita algumas dúvidas. A igreja referida na doação poderia não corresponder ao templo atualmente existente, pois para este ser doado nesse ano teria já que existir e ter sido construído em data anterior. Tanto quanto se sabe, não são conhecidos monumentos siglados anteriores ao século XII, e, entre nós, o primeiro monumento a ter recebido sistematicamente siglas deverá ter sido a Sé Velha de Coimbra (ALMEIDA 2001, p. 73). Poder-se-á então colocar duas hipóteses: a primeira relaciona-se

⁴ A igreja de S. Gens de Boelhe é Monumento Nacional desde 1927, segundo o Decreto n.º 14 425, DG 228 de 15 outubro 1927 e a sua Zona Especial de Proteção foi definida pelo DG 15 de 18 janeiro de 1951.

com a possibilidade de a igreja doada ser outra, pois no documento não se precisa a localização do templo; a segunda, e mais plausível, é a de que o documento de 1095 se refere a uma igreja existente no mesmo local, entretanto substituída, no século XII ou XIII, pela atual igreja românica. Esta segunda hipótese parece ser a mais verosímil pois corresponde ao movimento típico de substituição dos pequenos templos pré-românicos pelos edifícios românicos, adaptados à nova liturgia. Como nos refere Lúcia Rosas “é de notar que a maior parte dos mosteiros e igrejas românicas da região corresponde a fundações muito mais antigas do que a *arquitectura que apresenta – as novas construções do século XIII utilizaram modelos patentes nas antigas igrejas pré-românicas, então reformadas*” (ROSAS 2008, p. 45). A autora vê nos capitéis do portal principal de S. Gens de Boelhe a “*reutilização de formulários pré-românicos remanescentes*” (ROSAS 2008, p. 47).

A igreja – *Sanctus Genesisius de Boeli* – é referida na lista das Igrejas de Padroado Real de 1220-1229 e, no Registo da Décima de 1320, é taxada em 60 libras: “*Item ecclesiam de Boylhi ad sexaginta libras*” (BOISSELLIER 2012, pp. 85, 132).

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida e, mais recentemente, Lúcia Rosas, a igreja de Boelhe, deverá enquadrar-se cronologicamente entre meados e fins do século XIII (ALMEIDA 1986, p. 95; ROSAS 2008, p. 134). Ora, nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, a igreja de S. Gens de Boelhe é referida, sendo o seu prelado interrogado, “*Hic incipit inquisitio Sancti Jenesii de Bunili. Petrus Egee, prelatus ejusdem Ecclesie, juratus et interrogatus cujas est ipsa Ecclesia, dixit quod est Militum ex progenie Martini Petri de Bunili, et ad presentationem ipsorum Episcopus Portuensis eum constituit in eadem*” (PMH-Inq p. 586), atestando a existência da igreja neste ano, com apresentação do Bispo do Porto. As Inquirições de 1258 reportavam-se à igreja românica de Boelhe (o que obrigaria a remeter a construção da igreja para a primeira metade do século XIII)? Ou referiam-se ao templo pré-românico, que, nesse caso, ainda subsistiria em 1258, o que indicaria que o edifício românico teria sido erguido depois dessa data?

A inquirição ao prelado de Boelhe informa ainda que a igreja pertenceria a *Martini Petri de Bunili*, que Manuel Abranches de Soveral identifica como sendo Martim Peres “Leitão”, co-senhor da honra de Sequeiros, em Lodares, provável descendente da linhagem dos Sousa (SOVERAL s/d)⁵. Nas inquirições de 1288 regista-se que a “*Freguesia de San Gees de Boelhi a quintaa que chamam Boelhi que foy de Martim Perez cavaleyro é provado que a viram onrada des que se acordam as testemunhas...*”, (PMH-Inq. 1288, Nova Série, Vol. IV/2, p. 73).

Só vários séculos depois das referências documentais que acabámos de analisar é que nos surgem outras notícias relativas à igreja de Boelhe. António Carvalho da Costa escreve, na sua *Corografia Portuguesa*, que S. Gens de Boelhe era Abadia do Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, Convento de Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, que rendia duzentos mil réis e que tinha noventa e dois vizinhos (COSTA 1868, p. 353). Por seu turno, Pinho Leal regista que, em 1757, Boelhe tinha 107 fogos e que o bispo do Porto e os frades crúzios de Vila Boa do Bispo apresentavam alternadamente o abade de Boelhe. Segundo Cardozo, o abade de Boelhe tinha de renda 300\$00 réis. No entanto, de acordo com o *Portugal Sacro e Profano*, o abade de Boelhe teria uma renda de 280\$00 réis, sendo apresentado alternadamente pelo Papa e pelo bispo do Porto (LEAL 1873, pp. 406-407).

O orago da igreja de Boelhe, S. Gens, acompanha e denomina a igreja desde época medieval até aos nossos dias. Segundo Avelino Jesus da Costa é possível que o culto deste mártir tenha entrado na diocese de Braga já em tempo de S. Martinho de Dume, uma vez que este se correspondia com Venâncio Fortunato, bispo de Poitiers e com as religiosas do mosteiro de S. César de

5 Agradecemos ao Revisor do texto esta informação bibliográfica.

Arles. Além deste S. Gens de Arles, um outro S. Gens, comediante e mártir de Roma, era festejado pelo rito romano no mesmo dia (COSTA 1997, p. 483).

A igreja de S. Gens de Boelhe, classificada por muitos autores como um exemplo clássico do nosso românico rural, é uma igreja de planta simples, pouco ornamentada e robusta. As suas paredes são erguidas em aparelho pseudo-isódomo com silhares de granito trabalhados a pico fino e apresentando fiadas regulares. O seu interior é lajeado e no exterior observa-se um pequeno passeio constituído por blocos graníticos que envolve o templo, obra da DGEMN, executada em 1935.

A planta do pequeno templo de Boelhe apresenta uma solução bastante simples e muito recorrente nas igrejas românicas, podendo ser incluída na estimativa avançada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que diz que, entre uma centena de igrejas românicas, 85% corresponde a templos de cabeceira com uma única abside, de planta quadrangular (ALMEIDA 2001, p. 77). De facto, a igreja de Boelhe é composta por uma única nave, retangular, e capela-mor quadrangular, sendo coberta por madeira telhada e formando dois corpos escalonados com telhados de duas águas.

A fachada da igreja apresenta uma configuração simples, pouco ornamentada, mas original na sua composição. O portal tem três pares de colunas e um tímpano liso envolto por três arquivoltas. Acima do portal, uma pequena abertura ilumina o interior do templo. Este quadro é completado por uma pequena cruz pétrea no cimo da empena da frontaria e uma torre sineira, de pequenas dimensões e de secção pentagonal, que se eleva no lado direito da fachada principal.

A fachada sul foi totalmente reconstruída pela DGEMN, numa operação morosa e delicada “*pela necessidade de repor nos lugares que anteriormente ocupavam (para que o monumento não fosse prejudicado no seu aspecto exterior) todos elementos da parede inutilizada*” (DGEMN 1950, p. 18). Segundo Miguel Tomé estes trabalhos iniciaram-se em março de 1930 (TOMÉ 1998, III, p. 60) A fachada é composta por três aberturas, duas frestas e uma porta, dispostas quase simetricamente às existentes no lado norte. A meia altura do paramento sul existem cinco cachorros, nos quais se apoiava um alpendre de madeira que protegia este alçado. A corroborar esta opinião poderá estar a quase inexistência de decoração nos modilhões que sustentam o entablamento da cobertura, em contraste com os do lado norte, todos esculpidos. A cornija deste alçado é decorada com esferas, enquanto que no lado norte é decorada com estrelas. Na parede leste da nave, que une este espaço à capela-mor, destaca-se o arco triunfal, sem qualquer decoração, assente sobre pés-direitos e impostas simples. Por cima, existe um óculo decorado por uma moldura ornamentada por esferas, motivo que se repete também no lado exterior da abertura.

A capela-mor é de pequena dimensão e desprovida de decoração, quer no seu interior quer no exterior. Os cachorros são lisos e a única abertura para o exterior do templo é uma pequena fresta, situada na parede leste.

Na frontaria, as bases das colunas, bulbiformes, quase sem ornamentação, apresentam nos seus ângulos pequenos remates salientes. As colunas apresentam-se aparelhadas em número de três e têm secção circular, exceto os fustes centrais que são prismáticos. A coluna mais próxima da ombreira esquerda da porta apresenta no seu fuste duas caras humanas em alto-relevo.

Encimando as colunas observa-se uma tipologia original de capitéis de configuração tipo mísula, decorados com palmetas biseladas e ornatos grafiticos. A decoração é zoofitomórfica e esculpida em *cuvette*. O cesto dos capitéis centrais apresenta uma cara humana, ladeada por dois animais (talvez leões), sendo como que devorada, tema muito comum no nosso românico. No ábaco, os capitéis são simplesmente decorados com moldura retilínea. As impostas são ornamentadas com motivos geométricos circulares apresentando cruzes dentro de círculos e outros temas tradicionais “*o que faz destes labores uma das mais conseguidas expressões decorativas do nosso românico*”

rural.” (ALMEIDA 2001, p. 212). Das impostas arrancam as arquivoltas, que são simples, quase sem decoração, sendo exceção o uso de esferas, voltadas para o vão, na primeira das arquivoltas e a bordadura de quadrifólios que as liga ao paramento. Existe ainda, marcada numa aduela, uma sigla de tipo . Os ângulos das aduelas são esculpidos apresentando remate cilíndrico ou em toro, formando um arco apontado que envolve o tímpano, liso, sem qualquer decoração, que terá sido outrora pintado.

Sobranceiro ao pórtico axial, existe uma abertura de pequenas dimensões, emoldurada por pequenos arcos torais concêntricos à maneira das arquivoltas. Imediatamente acima, no remate da empena da frontaria, encontra-se uma cruz patada pétrea e, à sua direita, no extremo que confina com a fachada sul, uma pequena torre sineira, de muro pentagonal vazado, arranca da fachada e ultrapassa a cota máxima do telhado.

Na fachada sul da nave observa-se outra das portas do templo. Esta entrada quase não apresenta decoração, exceto nas impostas que, na face voltada ao vão, são decoradas por um motivo vertical estriado. O arco é de volta perfeita e o seu tímpano liso e sem ornamentação. A meia altura do paramento são visíveis cinco cachorros: três deles apresentam figuras humanas, uma das quais a carregar um silhar; os restantes não apresentam decoração. O cachorro mais próximo da capela-mor encontra-se mais alto do que os quatro que o precedem. Nesta fachada existem duas frestas, de largura reduzida, quase impercetíveis. A sustentar o entablamento da cobertura estão dezassete cachorros, onde apenas um apresenta figuração humana. Nele, encontra-se representado um homem com a mão direita no queixo, a apoiar a cabeça, e a esquerda descaída, em atitude de reflexão. Os restantes modilhões não apresentam decoração e a cornija deste alçado da nave é toda decorada com esferas.

A capela-mor não apresenta qualquer tipo de decoração.

O muro norte da nave é idêntico ao do lado sul e as suas aberturas apresentam uma simetria quase perfeita. Destaca-se a sua porta, em que o arco de volta perfeita enquadra uma entrada reentrante, com tímpano liso e duas impostas estriadas verticalmente para o seu vão. Os modilhões, também em número de dezassete, apresentam-se todos esculpidos, representando figuras humanas, animais e geométricas. A grande maioria representa figuras humanas, entre elas dois pedreiros carregando pedra (Fig. 17). Os cachorros que figuram animais mostram três grandes cabeças de bóvido, com barbela ondulante (Fig. 18). As características destes modilhões parecem sugerir que eles poderão ter sido projetados inicialmente para sustentar os tímpanos do portal oeste e de uma das entradas laterais. Esta solução é comum no românico do Vale do Sousa, nomeadamente na igreja de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses), monumento com o qual o templo de Boelhe apresenta grandes afinidades escultóricas e estilísticas⁶.

A presença destes elementos arquitetónicos na cornija norte denuncia as profundas obras de restauro que a igreja de Boelhe sofreu e que são claramente evidentes ao analisar o clichê de Marques Abreu, publicado em 1918, no estudo *Arte Românica em Portugal*, de Joaquim de Vasconcelos (VASCONCELOS 1918, p. 119). Uma análise atenta do clichê revela que em 1918 a ordenação dos modilhões na cornija norte era distinta da atual, tendo o modilhão que representa um pedreiro a carregar pedra sido introduzido em época posterior (Fig. 17, no lado esquerdo da imagem). Miguel Tomé, na sua dissertação sobre *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, confirma estas alterações, indicando que a cornija e os modilhões da fachada norte da igreja foram reconstituídos em maio de 1931 (TOMÉ 1998, III, pp. 60). Fica, pois, a dúvida se a inclusão do referido modilhão na

⁶ Agradecemos ao Revisor do texto esta informação.

cornija resulta de uma mudança de posição, ou se ele terá sido esculpido e incluído no monumento durante os trabalhos de restauro de 1931, sendo por isso obra do século XX.

Os blocos que compõem a cornija são decorados com três estrelas cada um, sendo a estrela central de cinco pontas e as das extremidades de seis pontas.

No interior da igreja, cujo acesso se faz descendo dois degraus, as aberturas laterais (ou seja, as frestas) apresentam-se emolduradas por pequenos arcos torais concêntricos, à maneira das arquivoltas e são abocinadas para o exterior, terminando num pequeno vitral. Na capela-mor existe um altar, que data do século passado, e uma tímida fresta que ilumina este corpo.

3. METODOLOGIA

A representação gráfica das siglas e da sua posição nos diferentes alçados é essencial para se obterem leituras relacionadas com a evolução da construção dos edifícios, bem como, para sugerir a participação e os diferentes ritmos de trabalho dos canteiros na obra. Para este efeito, utilizou-se como base de trabalho os desenhos dos paramentos exteriores da igreja de Boelhe publicados no Boletim da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), de 1950, e procedeu-se ao desenho de quatro alçados interiores do templo, que não haviam sido registados. Os alçados norte e oeste da nave e leste e oeste da capela-mor, foram desenhados à escala de 1:100⁷.

O desenho das siglas foi realizado através de decalque, utilizando-se um vidro e papel de acetato que, depois de encostado aos silhares, permitiu delinear os seus contornos à escala 1:1. Este método foi aplicado nos alçados exteriores da nave e da capela-mor até à sétima fiada de altura. A sobreposição dos decalques das siglas do mesmo tipo permitiu constatar a existência de diferentes tamanhos e definir tipologias de tamanhos. Este processo facilitou o registo das fiadas de silhares mais altas, pois permitiu sobrepor as siglas entretanto registadas às marcas esculpidas nos silhares do topo, anotando-se a sua localização e a que tipo e tamanho correspondiam.

O trabalho de representação gráfica das siglas nos alçados teve em consideração que a igreja foi intervencionada pela DGEMN, tendo sido desmontadas e reconstruídas algumas partes do monumento. De modo a evitar leituras distorcidas, condicionadas por estes trabalhos, assinalaram-se a cinzento as áreas dos paramentos afetadas pelo restauro (Figs. 2 a 7). As siglas foram representadas nos alçados respeitando a sua orientação no silhar, mas ampliadas de modo a permitir a sua visibilidade na escala reduzida dos alçados (Figs. 3 a 7 e 10 a 12).

Os diferentes tamanhos das siglas foram reproduzidos com recurso a gradação de cor, correspondendo a cor mais clara ao tamanho mais pequeno e a cor mais escura ao tamanho maior. Apenas se apresentam os alçados maiores e mais siglados (exterior norte e sul e interior norte e sul), uma vez que os alçados mais pequenos não possuem siglas suficientes que validem a sua representação ou permitam leituras (Figs. 9 a 12).

4. AS SIGLAS

Por norma, a construção de uma igreja iniciava-se pela capela-mor. Quando esta estivesse pronta poderia ser sagrada e iniciar-se a construção da nave. Há casos, como o referido anteriormente, em que o corpo da nave nunca chegou a ser iniciado ficando-se unicamente pela capela-mor (como no caso da capela de S. Pedro, em Melgaço). Construída a cabeceira, seriam então lançados

⁷ Agradecemos ao amigo Hélder Mota a ajuda na elaboração dos desenhos.

os alicerces da nave que iriam subindo aos lanços. Esta forma de construir, que podemos ver em muitas imagens medievais, poderá ser confirmada por intermédio do estudo das siglas do edifício.

A igreja de S. Gens de Boelhe é profundamente siglada, apresentando marcas em todos os alçados interiores e exteriores. Nela identificam-se sete tipos diferentes de marcas de canteiro. Nos seus alçados não se observam grafitos, ou pedras de traçaria, porém, há um caso que se poderia interpretar como sendo uma sigla funerária. Trata-se da sigla cruciforme que se encontra no alçado exterior sul da nave, junto ao solo (Fig. 6). Esta sigla levanta dúvidas quanto ao seu significado funerário, em primeiro lugar, por causa da sua localização, na fachada voltada a sul, quando o local mais comum para os enterramentos é o lado norte das igrejas, tal como parece acontecer em Boelhe; depois, porque na igreja existem outras siglas cruciformes iguais, mas que apenas se encontram nas fiadas mais altas dos silhares, entre os modilhões, sendo esta uma de duas exceções. Tratar-se-á de uma sigla ou marca de posição, como veremos adiante.

As siglas de Boelhe foram gravadas a traço fino, bem marcado na pedra, realizadas com recurso a cinzel. Podem ser observadas com relativa facilidade, embora na fachada principal do templo algumas estejam já muito apagadas, sendo necessárias boas condições de luz para a sua visualização.

A colocação da marca no silhar provavelmente não obedecia a nenhuma orientação específica, pois é possível encontrá-las voltadas à esquerda ou à direita, para cima ou para baixo, facto a que também não será alheio o trabalho do pedreiro assentador. Em alguns edificios observam-se, por vezes, siglas alfabéticas gravadas de forma invertida, indício revelador de que o pedreiro dispunha de um escantilhão, que em algumas situações o utilizou ao contrário e que não saberia ler, uma vez que não detetou a inversão dos caracteres

Na igreja de Boelhe distinguem-se sete diferentes siglas, sendo apenas uma de tipo alfabético, sigla . As restantes apresentam configuração geométrica, observando-se nas paredes do templo as seguintes marcas: ; ; ; ; ; ; e  (Fig. 8).

Entre estas siglas, os quatro últimos exemplares referidos e a sigla  são as que aparecem mais frequentemente nos nossos edificios medievais. As siglas  e  são menos frequentes, não tendo sido, até ao momento, identificadas em outro edificio ou na bibliografia consultada.

A marcação das siglas nos alçados da igreja permitiu fazer algumas observações relacionadas com o desenvolvimento da obra e o contributo dado por cada pedreiro. As leituras que se apresentaram procuraram ter em atenção a intervenção da DGEMN na igreja, que modificou alguns dos seus paramentos, sendo possível observar alguns silhares siglados reaproveitados no passeio envolvente à igreja e no lajeado interior. Tendo em atenção este facto, utilizou-se, como já referimos, um sombreado de cor cinzenta para realçar as áreas intervencionadas, procurando assim evitar leituras distorcidas.

Ao analisar as siglas do monumento verifica-se que a sigla  acompanha a edificação do templo desde a fiada mais próxima do chão, na capela-mor, até à parte mais alta (siglada) do alçado frontal. Ela surge representada em todos os alçados, mas circunscreve-se apenas aos silhares, não se manifestando em nenhuma aduela dos arcos. É a sigla mais representada em S. Gens de Boelhe e ocorre em 241 silhares (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8 e 21).

A sigla , a par com a sigla acima referida, acompanha também toda a evolução da construção da igreja, sendo uma das mais numerosas. Aparece marcada em 198 silhares, encontrando-se representada em todos os alçados. Surge mais esporadicamente na capela-mor, mas a sua utilização ganha consistência na nave, a partir das entradas laterais e até ao alçado principal. O canteiro detentor desta sigla lavrou não só silhares, mas também dez aduelas dos diferentes arcos e uma aduela da arquivolta do pórtico axial. Este facto, aliado à perfeição e à qualidade com que esta sigla

é gravada, leva-nos a pensar que este seria o canteiro mais experiente e de maior importância no obradouro de Boelhe (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8 e 20).

A sigla  encontra-se representada em quase todos os alçados da igreja, exceto no alçado interior da fachada principal. Os silhares que a ostentam aparecem na capela-mor e prolongam-se até às entradas laterais da nave, desaparecendo a partir daí e reaparecendo na fachada principal. É uma sigla pouco numerosa, mas, ainda assim, surge em 60 silhares (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8, 19 e 22).

A sigla  regista-se em quase todos os alçados, a cotas geralmente altas, tendo o pedreiro começado a trabalhar na capela-mor em fase já adiantada da sua construção. Esta sigla assume alguma importância porque, além de aparecer marcada em silhares, surge também num cachorro da fachada norte da capela-mor e num silhar interior da fresta que se situa sobre a entrada sul do templo. A sua representatividade é, contudo, reduzida, registando-se apenas em 22 silhares (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8).

O pedreiro que utilizou a sigla  marcou-a em 29 silhares. Esta marca quase não aparece na capela-mor, exceto entre dois modilhões no lado sul, numa área reconstruída pela DGEMN. Todas as ocorrências se dão na nave do templo, sobretudo no lado sul onde aparece com mais frequência. Esta sigla está patente em 6 aduelas dos arcos, revelando assim a especialização do canteiro que a utilizou, que, a par com a sigla , é o único que trabalha aduelas (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8).

A sigla  aparece representada em 27 silhares e surge em maior número nos alçados interiores, principalmente na fachada sul da nave. Esta marca existe em quase todos os alçados, exceto no exterior oeste e nos alçados interiores da capela-mor onde apenas se regista na parede norte (Tabela n.º 1; Figs. 3 a 8 e 20). As suas características poderiam levar a considerar estas siglas como marcas de posição, porém não é perceptível qualquer lógica no seu posicionamento no silhar ou nos alçados

Entre as siglas de Boelhe, a única que parece poder corresponder a uma marca de posição é a que apresenta configuração cruciforme (+). Estes sinais observam-se em 15 silhares localizados nas fiadas mais altas da igreja, entre os cachorros que sustentam o entablamento da cobertura (Tabela n.º 1; Figs. 4 e 6). Como referido anteriormente, apenas em duas situações é que estas siglas não se encontram situadas entre os modilhões da igreja: no alçado sul da nave, junto ao solo, e na parede interior oeste da capela-mor (Figs. 6 e 7). Porém, ambos os casos poderão corresponder a momentos de obras e ao reaproveitamento de pedras. Os silhares marcados com cruzeiros apresentam esquadria quadrangular e têm aproximadamente a mesma dimensão. Localizam-se especificamente entre os modilhões, revelando-se essenciais para uma relação equilibrada entre os cachorros e a cornija. A execução e a colocação destes silhares deverá ter obedecido a um planeamento rigoroso, que implicou que o pedreiro respeitasse escrupulosamente as medidas do espaço disponível entre os modilhões, e que o terá levado a marcar as pedras especificamente produzidas para esta localização.

No alçado exterior sul da capela-mor, observa-se a existência de um destes silhares duplamente siglado, ostentando a marca  em conjunto com a sigla (+) (Fig. 6). Este facto, caso não se trate de um reaproveitamento de silhar, reforça a perspetiva de estarmos perante uma marca de posição.

Siglas	Nave								Capela-mor								Total
	Alçado Exterior				Alçado Interior				Alçado Exterior				Alçado Interior				
	W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	
	3	8	1	5	0	4	1	5	-	7	4	9	1	2	4	6	60
	8	31	9	36	12	29	23	14	-	17	17	7	4	18	13	3	241
	13	37	7	33	8	38	12	22	-	6	3	1	0	4	8	6	198
+	0	6	0	1	0	0	0	0	-	3	0	4	1	0	0	0	15
L	0	0	1	4	3	11	4	1	-	1	0	1	0	0	0	1	27
	0	6	0	3	2	8	0	9	-	1	0	0	0	0	0	0	29
	0	3	2	4	0	2	2	1	-	0	1	1	1	3	2	0	22
Total	24	91	20	86	25	92	42	52	-	35	25	23	7	27	27	16	592

Tabela 1: Localização e contabilização das siglas.

O levantamento das siglas e a sua sobreposição revelou a existência de diferentes tamanhos dentro de cada tipo de sigla, tendo-se observado 4 tamanhos diferentes para as siglas  e apenas 3 para a sigla . As restantes marcas apresentam tamanho único (Fig. 9).

A marcação das diferentes dimensões das siglas nos alçados permitiu constatar que as marcas de tipo  apresentam maiores dimensões nos paramentos da capela-mor (T3 e T4), verificando-se esta tendência até, sensivelmente, às portas laterais da nave, ponto a partir do qual se observa uma clara diminuição do seu tamanho (T1 e T2) (Fig.10). O tamanho mais representado é o T3, presente em 111 silhares, logo seguido pelas siglas de tamanho T1, com 78 exemplares identificados (Tabela 2).

Se para esta sigla se pode observar claramente uma evolução na sua dimensão ao longo dos alçados, o mesmo não parece acontecer para as outras siglas, cujos diferentes tamanhos surgem misturados impedindo leituras evolutivas do seu posicionamento nos alçados.

Sigla	Tam.	Nave								Capela-mor								Total
		Alçado Exterior				Alçado Interior				Alçado Exterior				Alçado Interior				
		W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	
	T1	6	16	2	18	8	18	0	10	-	0	0	0	0	0	0	0	78
	T2	1	8	0	8	2	3	5	1	-	0	3	1	0	4	1	0	37
	T3	1	6	7	10	2	7	17	2	-	13	6	6	4	15	12	3	111
	T4	0	1	0	0	0	0	1	1	-	4	8	0	0	0	0	0	15
Total		8	31	9	36	12	28	23	14	-	17	17	7	4	19	13	3	241

Tabela 2: Localização e contabilização dos diferentes tamanhos da sigla nos alçados

O pedreiro que usou a sigla  realizou um maior volume de trabalho nos alçados da capela-mor e junto das portas laterais da nave. Os tamanhos mais representados são os T2 e T3, com 28 e 20 siglas cada, respetivamente. A leitura da disposição dos seus diferentes tamanhos nos alçados não permite registar qualquer padrão (Tabela 3; Figs. 9 e 11).

Sigla	Tam.	Nave								Capela-mor								Total
		Alçado Exterior				Alçado Interior				Alçado Exterior				Alçado Interior				
		W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	
	T1	2	2	0	0	0	1	0	0	–	2	2	0	0	0	0	0	9
	T2	1	1	1	1	0	2	1	3	–	4	2	5	1	1	1	4	28
	T3	0	5	0	3	0	1	0	2	–	1	0	4	0	1	2	1	20
	T4	0	0	0	1	0	0	0	0	–	0	0	0	0	0	1	1	3
Total		3	8	1	5	0	4	1	5	–	7	4	9	1	2	4	6	60

Tabela 3: Localização e contabilização dos diferentes tamanhos da sigla nos alçados

O mesmo se pode dizer relativamente ao pedreiro que utilizou a sigla , que apesar de ter realizado um volume significativo de trabalho, deixando a sua marca em 198 silhares, incluindo as aduelas dos arcos das portas laterais da nave e as marcas no portal axial, não permite grandes considerações relativamente à disposição dos diferentes tamanhos da sua marca nos alçados. As siglas mais pequenas, T1, são as mais numerosas encontrando-se representadas em 106 silhares. As siglas de T2 são 90 e as marcas de maior dimensão são apenas 2 (Tabela 4; Figs. 9 e 12).

Sigla	Tam.	Nave								Capela-mor								Total
		Alçado Exterior				Alçado Interior				Alçado Exterior				Alçado Interior				
		W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	W	S	E	N	
	T1	8	23	3	22	7	13	4	7	–	2	1	1	0	2	8	5	106
	T2	5	15	4	10	1	24	3	15	–	4	2	0	0	2	4	1	90
	T3	0	0	0	0	0	1	1	0	–	0	0	0	0	0	0	0	2
Total		13	38	7	32	8	38	8	22	–	6	3	1	0	4	12	6	198

Tabela 4: Localização e contabilização dos diferentes tamanhos da sigla nos alçados.

Para a obtenção destes tamanhos padronizados, os canteiros terão utilizado um ou mais escantilhões. Não se sabe se o escantilhão seria de madeira, de ferro ou até mesmo de pele/pergamino, mas deveria ter certamente forma circular, visto que os diferentes tamanhos registados se referem apenas, nos casos das siglas  e , à dimensão do seu corpo circular e não aos seus apêndices (bifurcados ou ondulados). O escantilhão utilizado terá sido o mesmo para os dois tipos de sigla acima referidos. Com a sobreposição das siglas obteve-se outro dado interessante. Partindo do tamanho mais pequeno para o maior (T1; T2; T3 e T4), verifica-se que o diâmetro da circunferência exterior da sigla mais pequena (T1) corresponde aproximadamente ao diâmetro da circunferência interior da sigla de T2 e que esta situação se verifica para os restantes tamanhos até à sigla com o tamanho T4 (Fig. 9). Esta constatação levanta a possibilidade de terem sido utilizados dois escantilhões circulares vazados, de tamanhos diferentes, que permitiria assim obter dois tamanhos por escantilhão. A rebater esta hipótese poderia estar o facto de o canteiro ter utilizado um só escantilhão e a diferença de tamanhos resultar do uso de cinzéis mais ou menos largos na ponta. Mas esta possibilidade parece poder ser afastada porque se constata que, independentemente do tamanho da sigla, o rasgo provocado pela ferramenta do canteiro na pedra é sempre de aproximadamente 1 cm de largura. Falando ainda de escantilhões, mas sobretudo de moldes e bitolas, não podemos

deixar de referir que eles são usados não só nas siglas, mas sobretudo, e nomeadamente, nos elementos decorativos. Estes moldes e bitolas deveriam ser empregues pelos canteiros mais experientes para fazerem as molduras, os frisos, os toros ou as escócias. No caso do estaleiro de Boelhe, o pedreiro detentor da marca  poderá ter sido o responsável pela execução deste trabalho mais especializado. As bitolas e os moldes são tão importantes que ainda hoje as equipas de restauro os utilizam. Na igreja de Boelhe, terão sido utilizados nos capitéis e nas impostas do pórtico axial.

A especificidade das siglas que se podem encontrar nos alçados de Boelhe, particularmente as marcas de tipo  e , poderão permitir, quando identificadas noutras construções, definir a itinerância das equipas de pedreiros e antever a circulação de modelos estilísticos. Nesse sentido procurou-se encontrar paralelos para estas siglas nas igrejas românicas geograficamente mais próximas de Boelhe, como o mosteiro de Vila Boa do Bispo, a igreja de Cabeça Santa, o mosteiro de Paço de Sousa, o de S. Pedro de Cete e a igreja de Vila Boa de Quires. A procura revelou-se infrutífera quanto a estas duas marcas. Contudo, identificaram-se outras siglas, similares às existentes em Boelhe, mas que por serem comuns e existirem em muitos dos monumentos românicos (; ; ; ; e +) não permitem dizer que foram executados pelos mesmos pedreiros. Só uma análise sistemática das siglas de todos os edifícios românicos desta região poderá no futuro contribuir para a definição de um quadro de movimentação de pedreiros e da circulação de influências de modelos estilísticos escultóricos e arquiteturais.

5. CONCLUSÃO

O estudo das siglas medievais de um só monumento encerra demasiadas limitações. Podemos sugerir o número de pedreiros que trabalharam nesse monumento, podemos inferir os ritmos de trabalho e a evolução arquitetónica do edifício, porém, como que trancados pelas paredes robustas do românico, não conseguimos vislumbrar nem responder à miríade de questões que se levantam quase de silhar a silhar. Talvez sejam todos estes problemas e dúvidas, juntamente com a falta de documentação medieval, que impeçam os investigadores de abordar esta temática mais frequentemente. Porém, ainda que limitado e circunscrito a um monumento, o estudo das siglas medievais (de forma sistemática) poderá, num futuro próximo, trazer novas revelações, não só quanto à arquitetura medieval e às suas técnicas construtivas e decoração, mas também em relação à organização social daqueles tempos.

No caso do estudo das siglas da igreja de Boelhe, este permitiu sugerir algumas observações quanto às técnicas construtivas e ao tempo despendido na construção do monumento. O templo terá sido construído de uma só vez, pois não se encontram sinais de que a construção tenha sido interrompida após a construção da capela-mor, como aconteceu em alguns casos já referidos. Ao analisar as siglas constata-se que alguns dos pedreiros que iniciaram a obra na capela-mor se mantiveram a trabalhar durante toda a empreitada, podendo observar-se as suas siglas em todos os alçados do edifício, desde cotas mais baixas, junto ao solo, até às fiadas mais elevadas de silhares. Parece também ter existido um reforço da equipa ou um esforço construtivo suplementar na parte final da construção da nave, com a entrada em obra dos pedreiros que usam as siglas  e . Estas marcas observam-se com maior abundância na metade superior dos alçados da nave, concentrando-se sobretudo junto das portas laterais. Estes pedreiros realizaram também trabalho de maior especialização como algumas aduelas dos arcos (sigla ), um cachorro da capela-mor e colaboraram na construção das frestas (sigla ) (Figs. 4 e 6).

Este facto permite ainda levantar outra questão: quanto tempo demorou a erguer as paredes deste templo?

A igreja de Boelhe é constituída por 1841 silhares (Tabela 5). Destes, apenas 592 são siglados (32%), os restantes 1249 (68%) não possuem qualquer marca ou sigla visível (Tabela 6). Deve-se, porém, notar que a erosão da pedra e a mão do homem poderão ter contribuído para o desaparecimento de algumas siglas. Por outro lado, não se deve descartar a possibilidade de existirem siglas em faces ocultas dos silhares e de terem existido siglas pintadas, o que faria aumentar significativamente o número de siglas do monumento.

		Alçados da nave				Alçados da capela-mor				Total
		W	S	E	N	W	S	E	N	
Silhares	Exterior	172	225	109	246	–	73	82	65	972
	Interior	121	201	122	206	39	64	59	57	869
	Total	293	426	231	452	39	137	141	122	1841

Tabela 5: Contabilização do número de silhares da igreja.

		Alçados da nave				Alçados capela-mor				Total	%
		W	S	E	N	W	S	E	N		
Silhares	Com sigla	49	183	62	138	7	62	52	39	592	32%
	Sem sigla	244	243	169	314	32	75	89	83	1249	68%
	Total	293	426	231	452	39	137	141	122	1841	100%

Tabela 6: Relação percentual entre silhares siglados e sem sigla.

Se fosse possível calcular o tempo médio despendido no lavar de um silhar e multiplicar esse tempo pelo número de silhares da igreja de Boelhe, decerto conseguir-se-ia calcular o tempo necessário para desbaste e regularização dos aproximados 214.36 m³ de pedra lá utilizados. No entanto, o resultado obtido nunca seria fiável pois ao desbaste da pedra ter-se-ia que adicionar o tempo gasto na construção das estruturas de madeira, no transporte da pedra (que neste caso deveria ser trazida das proximidades), no seu assentamento (quanto mais alto é o muro mais moroso se torna o processo) e ainda, o tempo despendido a esculpir os modilhões, os arcos, as frestas, a cornija e o portal axial.

Por outro lado, e como referido anteriormente, trabalhariam em Boelhe seis ou sete pedreiros, provavelmente apenas auxiliados por um ou dois serventes, constituindo uma equipa de reduzida dimensão. Se se considerar que a igreja foi construída de uma só vez, e por alguns dos mesmos pedreiros, pode-se então afirmar que esta não terá demorado mais do que dois ou três anos a construir, isto se se atentar às informações fornecidas por D. Duarte, “*Dous mesteiraes e tres seruidores fazem em hũ dia hũa braça de parede d alto e de Larguo, e a parede de dous palmos e meo em grosso, e a braça he de dez palmos em longo / e dez em ançho, e esto em dias razoados leuando o mais que podem laurar em o baixo / per o menos que Laurão no alto (...)*”, e aos problemas levantados nos parágrafos anteriores (L.Cons, p. 165).

Tanto estas questões como outras ficam ainda em aberto, pois seriam necessários novos dados e outro tipo de investigação, que poderiam aportar dados relevantes na análise da construção do monumento. Seria importante abordar as questões relacionadas com as técnicas de construção

utilizadas e analisar com profundidade os elementos escultóricos e os motivos decorativos utilizados em S. Gens de Boelhe, integrando-os num estudo mais amplo que permitisse a realização de comparações com outros templos românicos, nomeadamente a igreja de Vila Boa de Quires, com a qual parece assumir afinidades escultóricas. Igualmente importante seria aferir a proveniência da matéria prima utilizada, identificando o local de extração do granito. As estruturas auxiliares à construção de um edifício medieval, tal como os andaimes, as escadas, as gruas, os cimbres e todos estes utensílios que transformavam o arquiteto medieval ou o mestre-carpinteiro em excelentes engenheiros, são também de grande relevância, mas o seu estudo é muitas vezes dificultado pela ausência de vestígios significativos e esclarecedores nos paramentos dos edifícios.

Será necessário desbastar ainda muita pedra e alicerçar o conhecimento da arquitetura medieval, dos pedreiros e das suas marcas, em sólidos estudos gliptográficos, para que as siglas deixem de ser “*ainda tão mudas*”, como referia Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar uma palavra de reconhecimento e agradecimento ao Professor Doutor Mário Barroca, que acompanhou e incentivou este trabalho desde o seu início, em 2003. Agradeço também a Ana Maria Oliveira as inúmeras leituras que fez do texto e a relevância de todas as suas sugestões.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1978), *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*, dissertação de Doutoramento, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ed. policopiada.
- ALMEIDA Carlos Alberto Ferreira de (1986), *O Românico*, “História da Arte em Portugal”, vol. 3, Lisboa, Publicações Alfa.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001), *O Românico*, “História da Arte em Portugal”, vol. 1, Lisboa, Editorial Presença.
- BARROCA, Mário Jorge (2000), *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 4 vols., Lisboa, FCG-FCT.
- BELLE, Jean-Louis Van (1983), «Les Signes lapidaires: essai de terminologie», *Actes du Colloque International de Glyptographie de Saragosse (7-11 de Juillet 1982)*, Zaragoza, Centre International de Recherches Glyptographiques, pp. 29-43.
- BELLE, Jean-Louis Van (1987), «Les Marques de tailleurs de pierre. Pour une problématique régionale et internationale», in BARRAL y ALTET, Xavier (dir. de) - *Artistes, Artisans et Production Artistique au Moyen Âge*, vol. II, Paris, Picard, pp. 519-527.
- BESSAC, Jean-Claude, et alli (1999), “La Construction- la pierre”, in Ferdière, Alain (dir.), *Collection Archéologique*, Paris, Editions Errance.
- BF – *Le Cartulaire Baio Ferrado du Monastère de Grijó (Xie-XIle siècles)*, Ed. Robert Durand, Paris, 1971.
- BOISSELLIER, Stéphane (2012), *La Construction Administrative d’un Royaume. Registres de Bénéfices Ecclésiastique Portugais (XIII-XIVe Siècles)*, Lisboa, UCP-CHER.
- CASELLA, Gabriella (2003), *Gramáticas de Pedra – Levantamento de tipologias de construção murária*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais.

- CASTRO, Ana Sampaio e; SEBASTIAN, Luís (2005), “Les marques lapidaires du monastère Cistercien de São João de Tarouca”, *Actes du XIV^e Colloque International de Glyptographie de Chambord*, Centre International de Recherches Glyptographiques, pp. 399-422.
- CASTRO, Ana Sampaio e; SEBASTIAN, Luís (2010), “Estudo gliptográfico do Mosteiro de S. João de Tarouca”, *As Idades Medieval e Moderna e na Península Ibérica, Actas do IV congresso de arqueologia medieval* (Faro, 2004), *Promontória monográfica*, 13, Faro, DHAP da Universidade do Algarve, pp. 79-90.
- CHARRÉU, Leonardo (1995), “As siglas dos Canteiros Medievais: contributo metodológico e bibliográfico para o seu estudo”, *Al-Madan*, II. ^a Série n.º 4 (Out. 1995), pp. 119-127.
- CÓMEZ, Rafael (2001), *Los constructores de la España medieval*, Sevilla, Universidad de Sevilla.
- COSTA, António Carvalho da (1868), *Corografia Portuguesa*, Tomo I, 2.^a Edição, Braga.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1997), *O bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, 1.^o volume da 2.^a edição, refundida e ampliada, Braga, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.
- CUNHA, Cláudia (2015), *Ermida do Paiva. Arquitetura e Escultura*, dissertação de mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DGEMN (1950), “Igreja de S. Gens. Boelhe”, *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 62.
- DS – *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, Ed. Rui de Azevedo, Avelino de Jesus da Costa e Marcelino Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1979.
- FERRER BENIMELI, José A. (1979), “Les Signes Lapidaires en Espagne”, *Actas do Colóquio Internacional de Mons (Abril 1979)*, Mons, Centre International de Recherches Glyptographiques.
- FERRER BENIMELI, José A. (1981), “Los Signos lapidários en España. Comparación morfológica”, *Actas do Colóquio Internacional de Glyptographie de Nimes*, Nimes, Centre International de Recherches Glyptographiques.
- FERRER BENIMELI, José A. (1983), *Signos Lapidários de Aragon*, Institución Fernando el Católico, Saragoça. (Sep. das comunicações aragonesas apresentadas ao Colloque International de Glyptographie de Saragosse, 1982).
- GANDRA, Manuel J. (2001), “Subsídio para o Catálogo do Corpus Gliptográfico Português”, *Cadernos da Tradição*, Ano I, N.º 2, Mafra.
- GEPB – *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 40 Vols., Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1935-1960.
- GOMES, Saúl António (1990), *O Mosteiro de Santa Maria da Vitória*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- GRAÇA, A. Santos (1982), *O Poveiro*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.
- L. CONS. – *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte, (Livro da Cartuxa)*, Ed. João José Alves Dias, Lisboa, 1982.
- LACERDA, Aarão de (1919), *O templo das Siglas. A Igreja da Ermida do Paiva*, Porto, edição de autor.
- LEAL, Augusto Soares A. B. de Pinho (1886), *Portugal Antigo e Moderno*, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.
- LPreto – *Livro Preto da Sé de Coimbra*, vol. I, ed. de A. G. Rocha Madahil, vols. II e III, ed. de Avelino Jesus da Costa, Leontina Ventura e Maria Teresa Velosa, Coimbra, 1977-1978-1979.

- LTPS – *Livro dos Testamentos do Mosteiro de Paço de Sousa*, ed. de José João Rigaud de Sousa e Maria Teresa Monteiro, sep. de Bracara Augusta, Braga, 1972.
- MARTIN-ROMO, Rodrigo de la Torre (1986), “As marcas na pedra. A gliptografia na Província de Pontevedra”, *V Colóquio Internacional de Gliptografia* (Poio-Pontevedra, 1986), Pontevedra, Centre International de Recherches Glyptographiques.
- MACHADO, José Pedro (1984), *Dicionário onomástico e etimológico da língua Portuguesa*, 3 vols., Lisboa, Editorial Confluência.
- MATTOSO, José (1998), *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A Nobreza medieval Portuguesa nos séculos XI e XII*, Lisboa, Guimarães Editores.
- MATTOSO, José (2002), *O Monaquismo Ibérico e Cluny*, Lisboa, Círculo de Leitores (Obras completas de José Mattoso, vol. 12).
- MEIRELES, Frei António da Assunção (1942), *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa e Índex dos documentos do Arquivo*, Lisboa.
- PMH – Inq – *Portugaliae Monumenta Historica... Inquisitiones*, Lisboa, Academia das Ciências, 1888-2015.
- PUNTE LÓPEZ, Juan Luis (2001), *Firmando en la Piedra: Marcas Y signos lapidarios por los maestros canteros medievales*, León, Edilesa.
- RAMALHO, Maria de Magalhães e PEREIRA, Paulo (1997), “Pedra de Traçaria do Convento de S. Francisco de Santarém”, *Arqueologia Medieval*, vol. 5, Porto, Afrontamento.
- RAMALHO, Maria de Magalhães e PEREIRA, Paulo (2001), “Segunda Pedra de Traçaria do Convento de S. Francisco de Santarém”, *Estudos/Património*, vol. 1, Lisboa, IPPAR.
- REAL, Manuel Luís (1986), “A Igreja de S. Pedro de Ferreira. Um invulgar exemplo de convergência estilística”, sep. de *Paços de Ferreira - Estudos Monográficos*, Paços de Ferreira.
- REAL, Manuel Luís e SÁ, Pedro (1982), “O Mosteiro de Roriz na arte românica do Douro Litoral”, sep. de *Actas do Colóquio de História Local e Regional* (Santo Tirso, 1979), Santo Tirso.
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (1995), *Monumentos Pátrios, Arquitectura Religiosa Medieval – Património e Restauro (1835-1928)*, dissertação de Doutoramento, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ed. policopiada.
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso (Coord. Científica) (2008), *Românico do Vale do Sousa, Valsousa – Rota do Românico do Vale do Sousa*.
- SILVÉRIO, Alexandra Domingues (2014), *Arqueologia da arquitetura – Contributo para o estudo da Sé de Lisboa*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/13753>
- SOEIRO, Teresa (1987-88), “Penafiel. O Tâmega de Ontem”, *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3.ª Série, vol. 4-5, Penafiel.
- SOEIRO, Teresa (1998), “O sítio romano da Bouça do Ouro, Boelhe”, *Cadernos do Museu*, vol. 4, Penafiel, Museu Municipal de Penafiel, pp. 5-62.
- SOUSA, J. M. Cordeiro de (1925-26), “Marcas de Canteiro”, *O Archeologo Português*, 1.ª Série, vol. XXVII, Lisboa, pp. 48-54.
- SOVERAL, Manuel Abranches de (s/d), *Leitão – linha ascendente dos senhores do Paço da Torre de Figueiredo das Donas*. [consultado no dia 10 de julho de 2019]. Disponível em: www.soveral.info/mas/Leitao.htm

TOMÉ, Miguel Jorge Biscaia Ferreira (1998), *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, dissertação de Mestrado, 3 vols, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ed. polí-copiada.

TRIGO DIAZ, Feliciano (1993), *Os signos lapidários nas Terras de Galicia: colección de trinta láminas*, Pontevedra, Deputación Provincial de Pontevedra.

VAIREAUX, François, (1994), “Etude d´elevation de la chapelle Notre-Dame du Val Dês Nymphes (commune de La Garde-Adhémar, Drôme)”, *Archeologie du Midi Médiéval*, Centre d´archeologie medieval du Languedoc, Tomo XII, pp. 39-64.

VAN de WINCKEL, M. (1964), “Atribuição de data a edifícios antigos pelo método das siglas lapida-res”, *Revista Municipal de Lisboa*, Ano XXV, n.º 100.

VASCONCELOS, Joaquim de (1918), *Arte Românica em Portugal*, Porto, Edições Marques Abreu.

Cartografia

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal, Esc. 1: 25.000, Folha n.º 124, 4.ª edição, 1997.

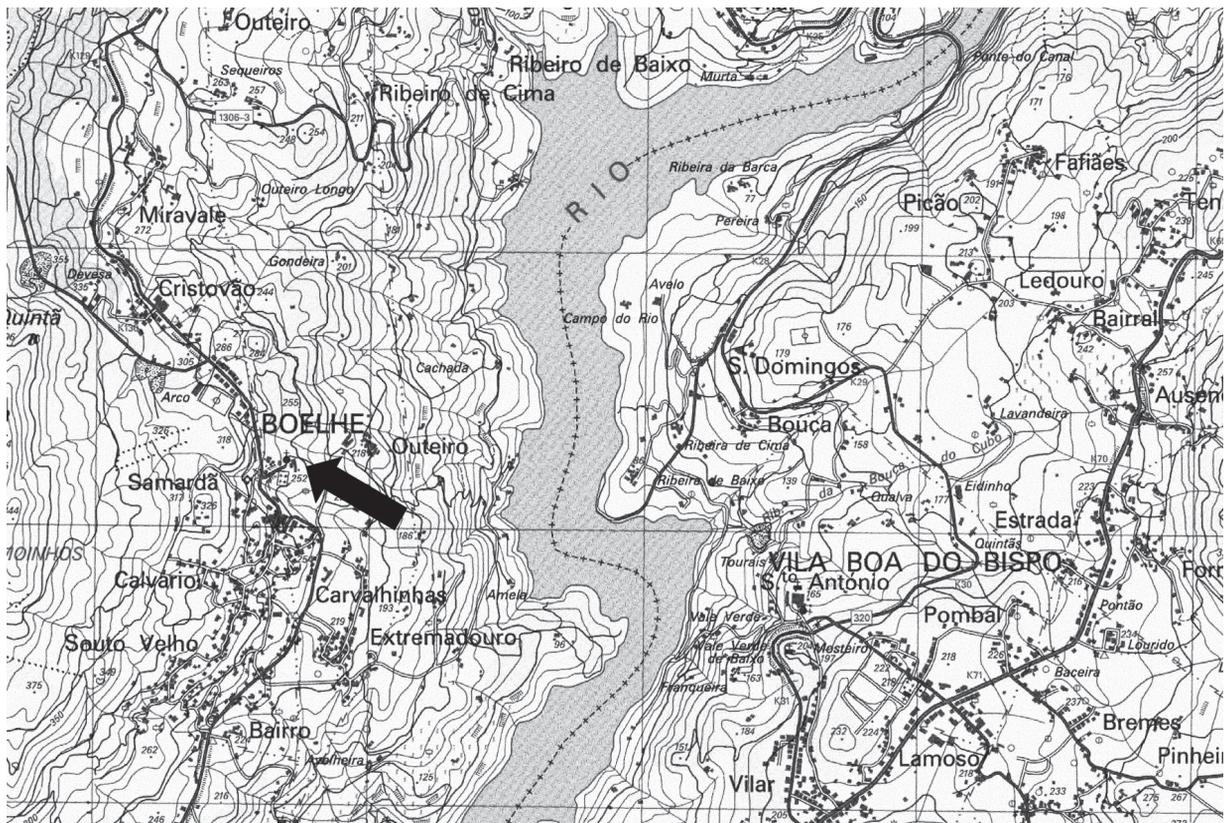


Fig. 01: Localização de Boelhe na Carta Militar de Portugal, n.º 124, esc. 1: 25.000.

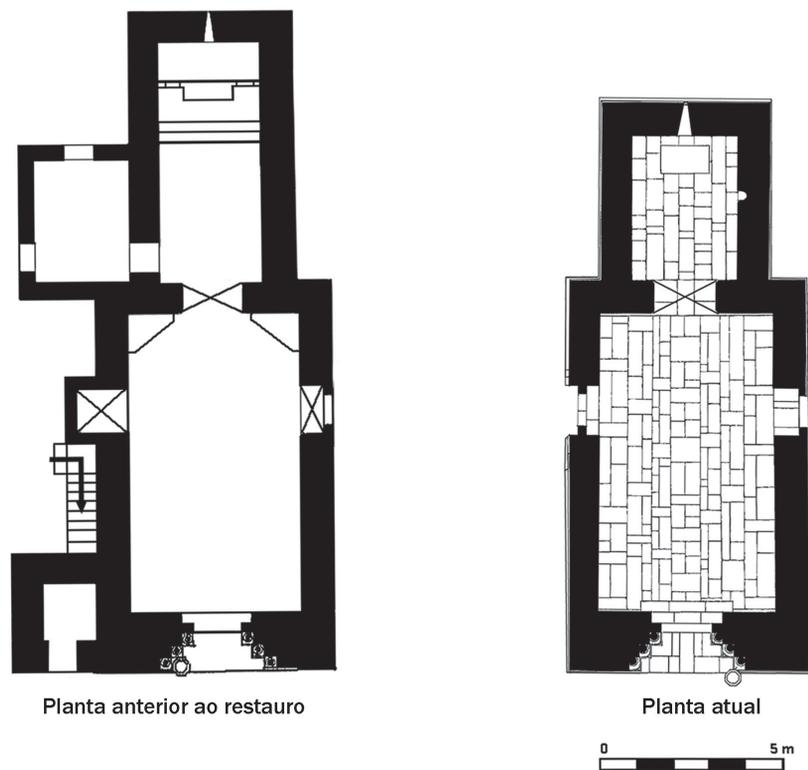


Fig. 02: Planta da igreja antes e depois dos trabalhos de restauro da DGEMN.

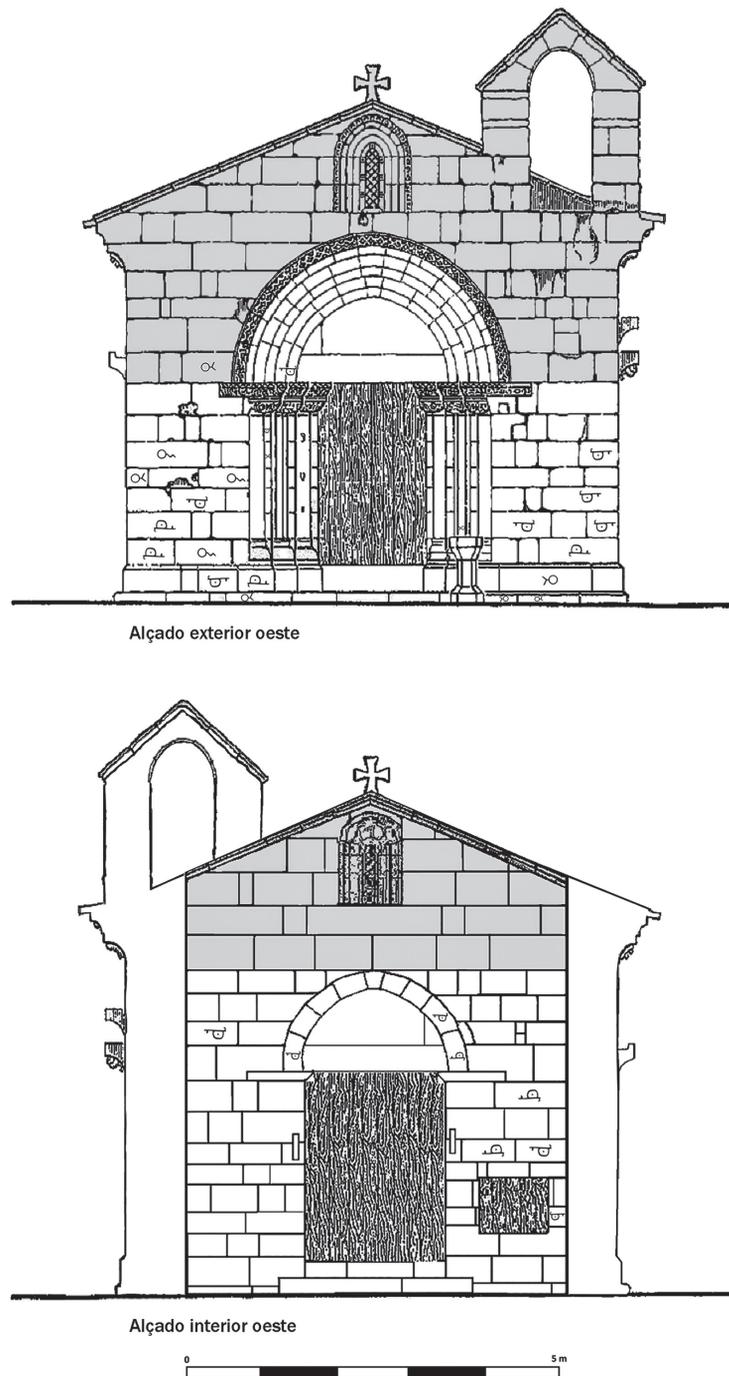
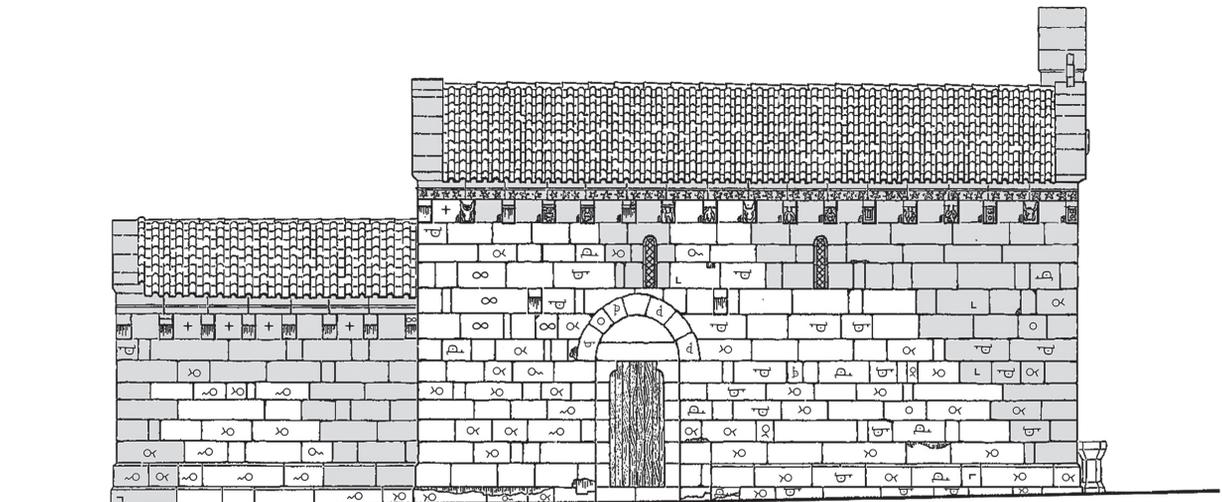
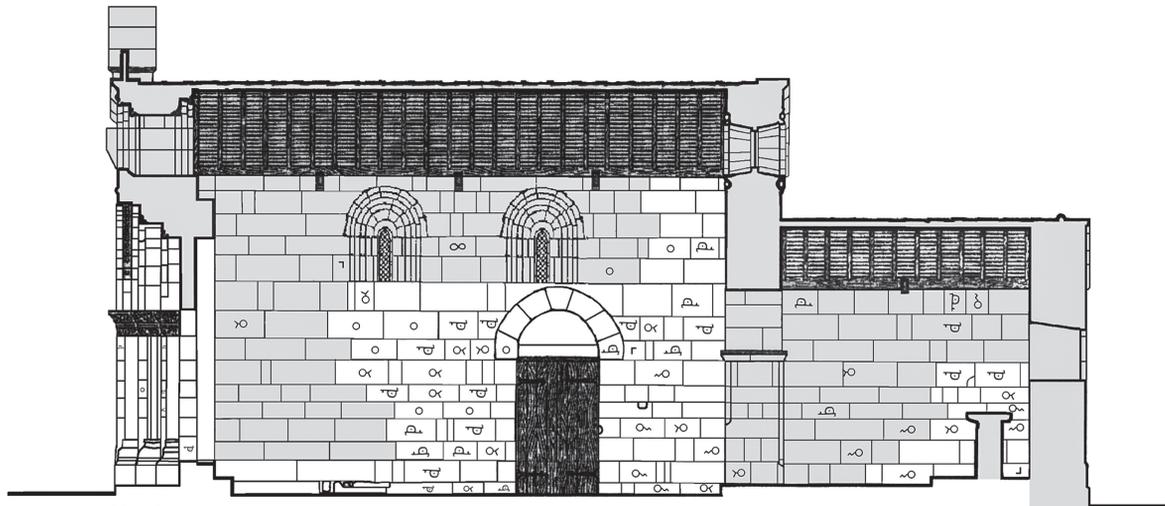


Fig. 03: Siglas existentes no muro oeste do templo. Em cima regista-se o alçado exterior e, em baixo, a face interior do mesmo muro.



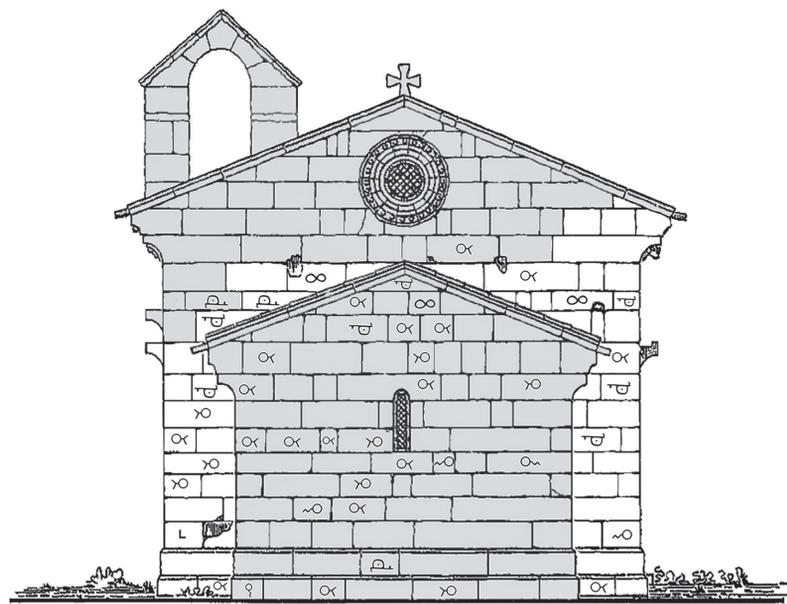
Alçado exterior norte



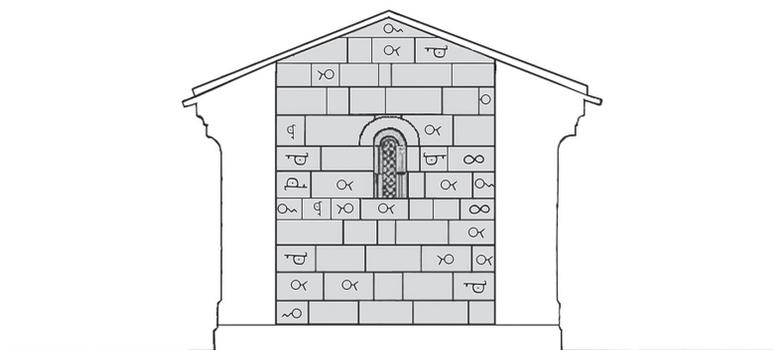
Alçado interior norte



Fig. 04: Siglas do muro norte da igreja. Em cima observa-se o alçado exterior e, em baixo, o alçado interior.



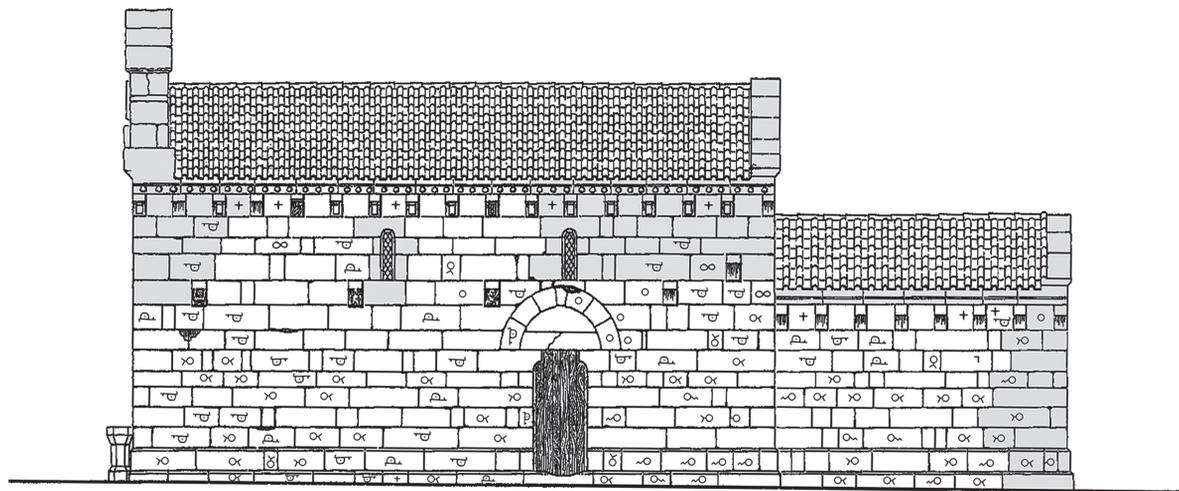
Alçado exterior leste



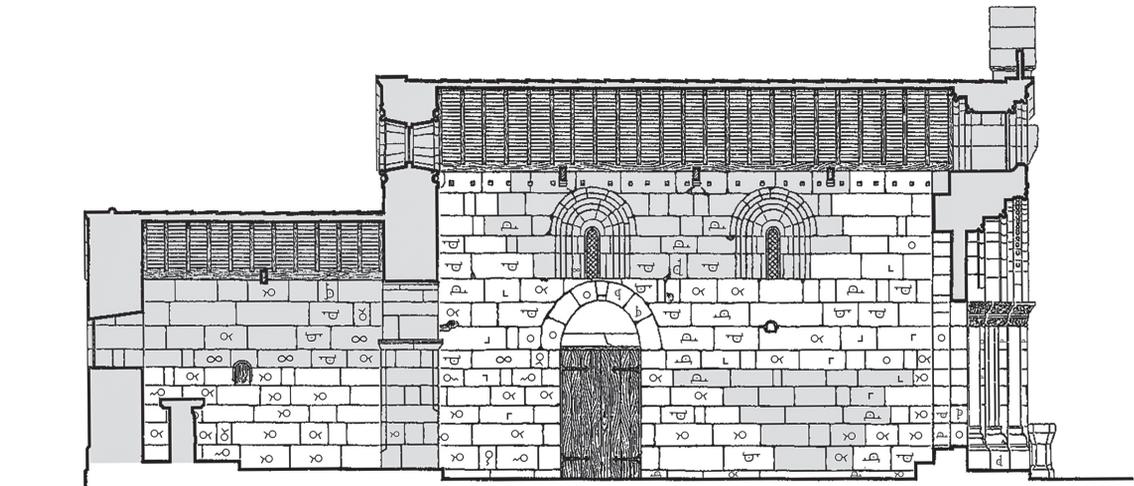
Alçado interior leste



Fig. 05: Siglas existentes nos muros leste do templo. Em cima registam-se os alçados exteriores da nave e da capela-mor e, em baixo, observa-se a face interior do muro leste da capela-mor.



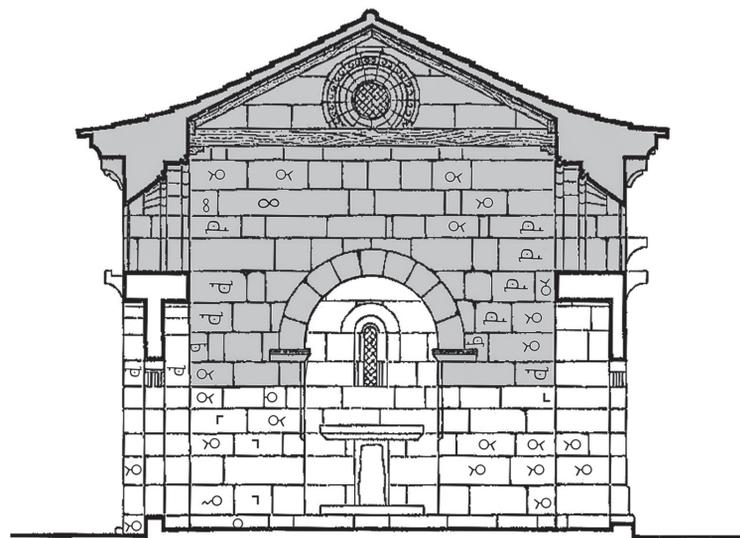
Alçado exterior sul



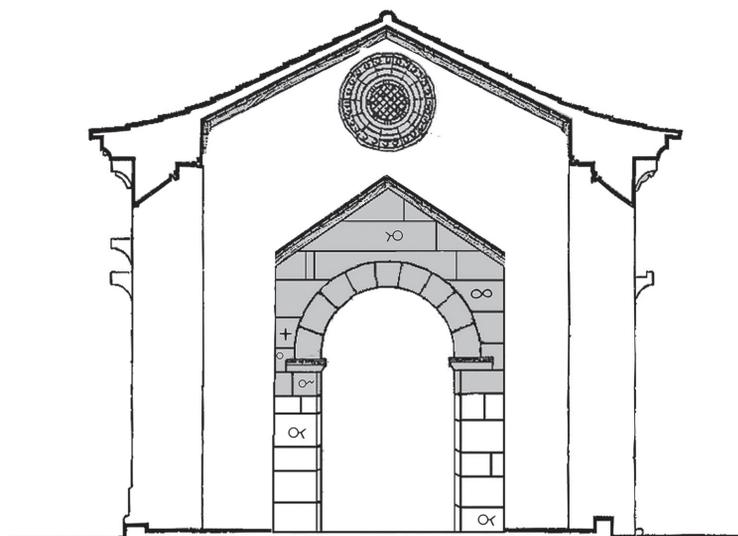
Alçado interior sul



Fig. 06: Siglas do muro sul da igreja. Em cima representa-se a face exterior, em baixo, o alçado interior.



Alçado interior leste da nave



Alçado interior oeste da capela-mor



Fig. 07: Siglas do alçado interior leste da nave e do alçado interior oeste da capela-mor (em baixo).

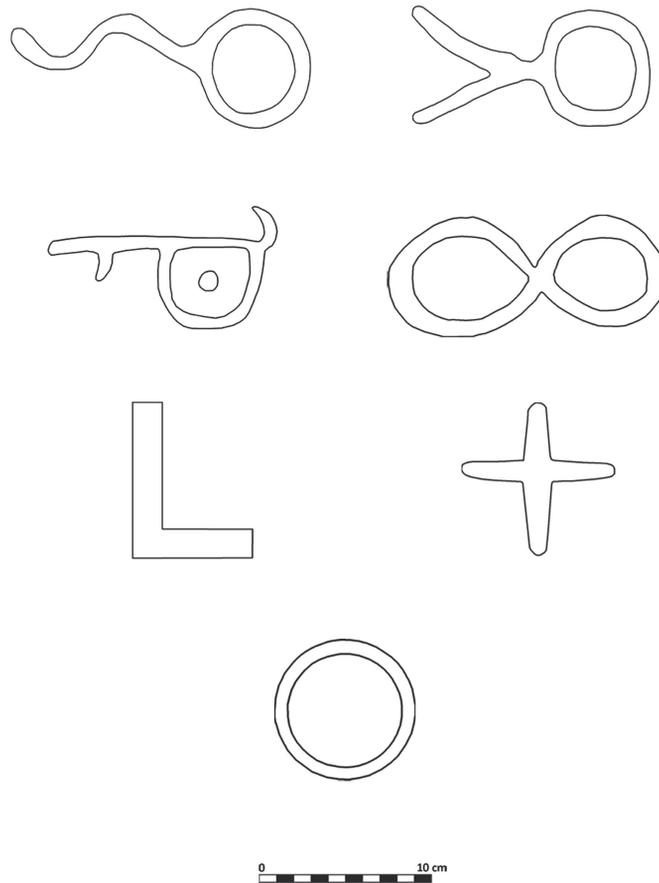


Fig. 08: Tipologia das siglas que se podem observar na igreja.

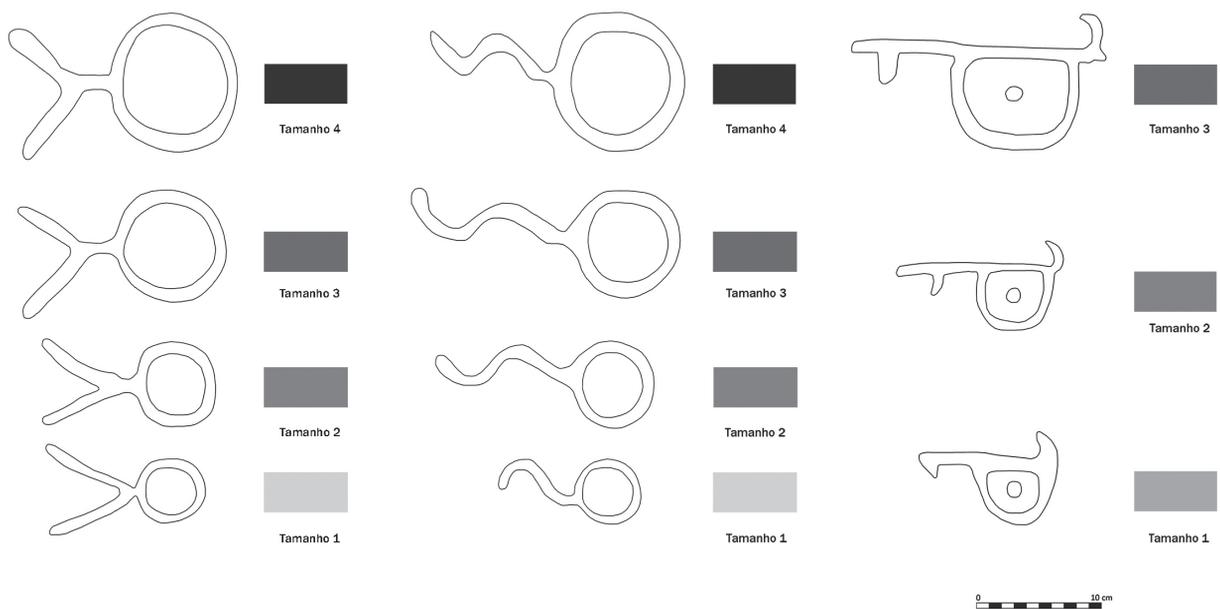


Fig. 09: Representação dos diferentes tamanhos das siglas.



Fig. 10: Projeção dos tamanhos da sigla de apêndice bifurcado nos muros norte e sul do templo. Em cima observa-se o alçado exterior e, em baixo, a face interior.

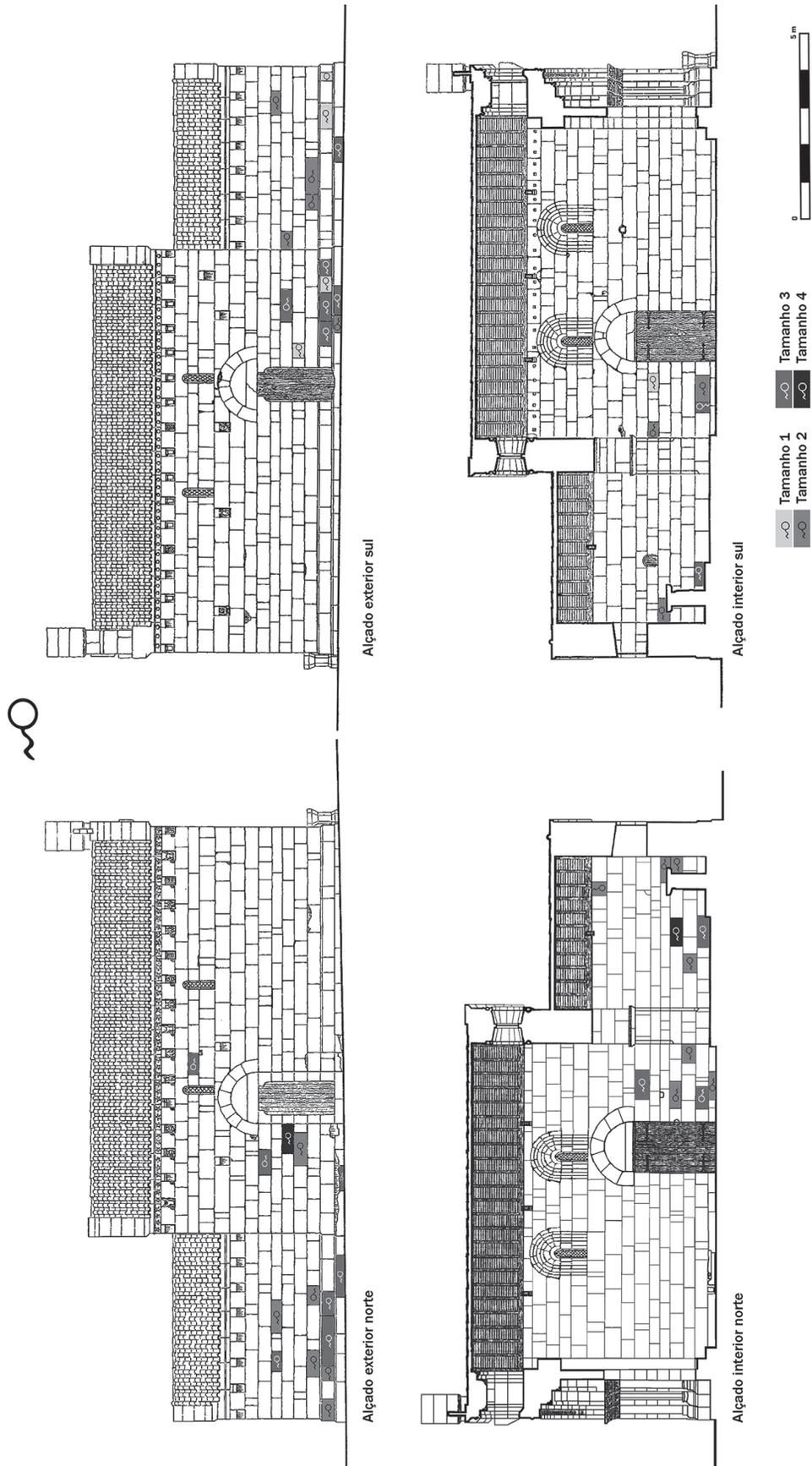


Fig. 11: Representação dos tamanhos da sigla de apêndice ondulado nos alçados. Em cima observa-se o alçado exterior e, em baixo, a face interior.



Fig. 12: Diferentes tamanhos da sigla tipo “P” nos muros norte e sul. Em cima observa-se o alçado exterior e, em baixo, a face interior.



Fig. 13: Fachada principal da igreja de S. Gens de Boelhe.



Fig. 14: Alçado norte do templo.



Fig. 15: Alçado sul.



Fig. 16: Entrada lateral sul da igreja.



Fig. 17: Pormenor de dois modilhões da cornija norte. Pedreiros a carregar silhares. O pedreiro à esquerda na imagem poderá ser obra da DGEMN.



Fig. 18: Modilhões da cornija norte. Ao centro e nas extremidades observam-se os três bóvidos de barbela ondulante.



Fig. 19: Siglas de apêndice ondulado no alçado sul.



Fig. 20: Siglas no alçado norte.



Fig. 21: Sigla de apêndice bifurcado.

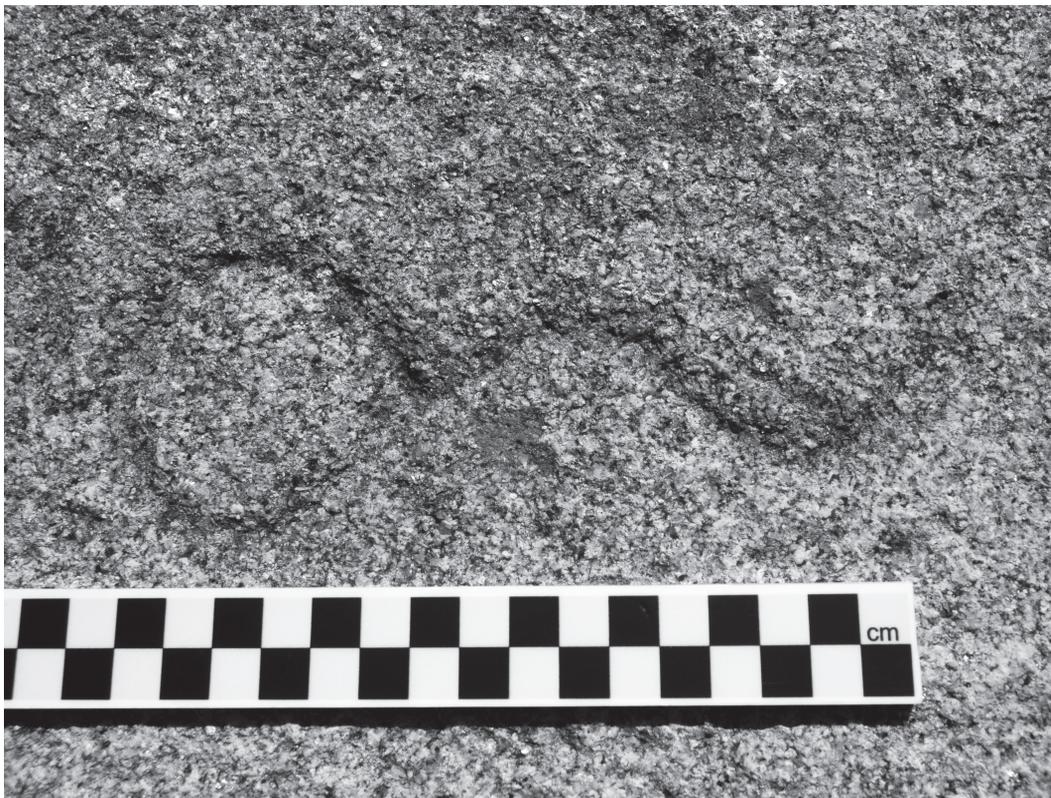


Fig. 22: Sigla de apêndice ondulado.

